

ESPIRITUALIDADE DA UNIDADE

Estas páginas reúnem os textos publicados no site focolare.org antes da sua reformulação em novembro de 2018. Trata-se de uma coletânea de artigos, divididos por assuntos e inseridos no site, a maioria em 2011, quando a página do site do Movimento dos Focolares foi atualizada anteriormente. São notícias e textos de aprofundamento que podem ser úteis a quem queira conhecer melhor as diversas realidades que compõem o Movimento.

www.focolare.org | info@focolare.org | **Todos os direitos reservados**

Sumário

Espiritualidade da Unidade

Deus Amor

Vontade de Deus

A Palavra

Amor ao irmão

Amor recíproco

Jesus Eucaristia

Unidade

Jesus Abandonado

Maria

A Igreja

Espírito Santo

Jesus no meio

Viver o carisma

Viver o carisma: economia e trabalho

Testemunho e difusão

Espiritualidade e oração

Vida física e natureza

Harmonia e ambiente

Sabedoria e estudo

Unidade e meios de comunicação

Espiritualidade da Unidade

A espiritualidade expressa por Chiara Lubich foi muito cedo definida uma espiritualidade “coletiva”, ou melhor, “comunitária”, isto é, em vista da unidade, do “que todos sejam um” (Jo 17,21). Ela se articula em doze pontos fundamentais, encadeados um ao outro:

1. Deus Amor
2. A Vontade de Deus
3. A Palavra
4. irmão
5. amor recíproco
6. Jesus Eucaristia
7. A Unidade
8. Jesus abandonado
9. Maria
10. A Igreja
11. Espírito Santo
12. Jesus no meio

Para Chiara Lubich, cada ponto da espiritualidade da unidade não é nunca a simples formulação de um projeto amadurecido em sua mente, uma reflexão ou um princípio de

teologia espiritual. É, mais que isso, uma espiritualidade que exige uma adesão imediata, decidida e concreta, algo que suscita a vida. No esplendor da história da Igreja, de seus indivíduos, de seus santos e comunidades, uma característica foi sempre constante: é a pessoa, individualmente, que se dirige a Deus. Isto resta verdadeiro também na espiritualidade da unidade, no sentido que a experiência que o indivíduo faz com Deus e em Deus é única e não se pode repetir. Todavia, a espiritualidade trazida pelo carisma da unidade, confiado pelo Espírito Santo a Chiara, acentua, ao lado desta indispensável experiência espiritual pessoal, a dimensão comunitária da vida cristã. Não é uma novidade em absoluto. O Evangelho é eminentemente comunitário. No passado houve experiências que sublinharam o aspecto coletivo da peregrinação para Deus, especialmente as espiritualidades nascidas daqueles que colocavam o amor como base da vida espiritual. É suficiente citar o exemplo de São Basílio e suas comunidades.

Chiara Lubich traz a “sua” espiritualidade, um modo original, comunitário, de ir a Deus: ser uma só coisa em Cristo, segundo as palavras do Evangelho de João: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, estejam também eles em nós” (Jo 17,21). Em Chiara este torna-se um estilo de vida.

Uma “espiritualidade comunitária” havia sido preconizada por teólogos contemporâneos e é mencionada pelo Concílio Vaticano II. Karl Rahner, por exemplo, falando da espiritualidade da Igreja do futuro, a via «comunhão fraterna na qual seja possível fazer a mesma basilar experiência do Espírito». O Vaticano II ao orientar a sua atenção sobre a Igreja como corpo de Cristo e povo reunido no vínculo do amor da Trindade.

Se Santa Teresa d’Ávila, doutora da Igreja, falava de um «castelo interior», a espiritualidade da unidade contribui para

edificar um «castelo exterior», onde Cristo esteja presente e ilumine todas as suas partes

Deus Amor

Com a violência da guerra, Chiara Lubich e suas primeiras companheiras adquiriram o hábito de encontrar-se nos abrigos antiaéreos, logo que tocava a sirene anunciando um novo bombardeio. Depois daquela fulgurante intuição que as havia levado a colocar Deus Amor no centro de seus interesses, no centro – único e absoluto – de suas jovens vidas, tinham o forte o desejo de estar juntas e descobrir modos novos de ser cristãos, e colocar em prática o Evangelho.

«Cada acontecimento nos tocava profundamente – Chiara dirá mais tarde –. A lição que Deus nos dava, por meio das circunstâncias, era clara: tudo é vaidade das vaidades, tudo passa. Mas, ao mesmo tempo, Deus colocava no meu coração, para todas, uma pergunta, e com ela a resposta: “Mas existirá um ideal que não morre, que nenhuma bomba pode destruir, ao qual doar-nos inteiramente?”. Sim, Deus. Decidimos fazer Dele o ideal da nossa vida»

Em 2000 Chiara escreveu: «Deus. Deus, que em meio ao furor da guerra, fruto do ódio, e sob a ação de uma graça especial, manifestou-se por aquilo que verdadeiramente é: amor. A primeira ideia-força sobre a qual o Espírito construiu esta espiritualidade foi esta: Deus Amor (cf. 1Jo 4,8).

Que transformação esta verdade, compreendida de forma completamente nova em contato com o carisma do Movimento, provoca nas pessoas! Fazendo uma comparação, a vida cristã conduzida antes, ainda que com uma prática coerente, parece obscurecida pela orfandade. Depois, eis a

descoberta: Deus é amor, Deus é Pai! O nosso coração, que vivera no exílio da noite da vida, abre-se e eleva-se, une-se com aquele que o ama, que pensa em tudo, que conta até mesmo os cabelos de nossa cabeça.

As circunstâncias alegres e dolorosas adquirem um novo significado: tudo é previsto e desejado pelo amor de Deus. Nada mais pode nos causar medo. Esta é uma fé exaltante, que fortifica, que faz exultar. É uma fé que provoca as lágrimas em quem a experimenta pela primeira vez. É uma dádiva de Deus que nos faz gritar: “Nós acreditamos no amor!” (1Jo 4,16). Com a escolha de Deus que é amor, como ideal da vida, se colocava o primeiro fundamento, a primeira exigência daquela nova espiritualidade que tinha desabrochado em nossos corações. Tínhamos encontrado Aquele por quem viver: Deus Amor».

Vontade de Deus

Qual devia ser o comportamento para demonstrar a Deus que era Ele o centro de todos os nossos interesses? Chiara e suas primeiras companheiras se perguntavam como colocar em prática o novo ideal de vida, Deus Amor. E logo isto pareceu quase óbvio: deviam, por sua vez, amar a Deus. Não teriam nenhum sentido na vida se não fossem «uma pequena chama daquele infinito braseiro: amor que responde ao Amor».

E a dádiva de poder amar a Deus pareceu-lhes grande e sublime, a ponto que com frequência repetiam: «Não é tanto que se deve dizer: “devemos amar a Deus”, mas, “Oh! Poder amar-te, Senhor! Poder amar-te com este pequeno coração”». Recordaram-se de uma frase do Evangelho que não deixava, e não deixa, escapatória para quem quer conduzir uma vida cristã coerente: «Não quem diz “Senhor, Senhor...” entrará no reino

dos céus, mas quem faz a vontade do meu Pai que está nos céus» (Mt 7,21). Fazer a vontade de Deus era, portanto, a grande possibilidade que todas tinham de amá-lo. Deus e a sua vontade coincidiam.

Chiara escreveu: «Deus é como o sol. A cada um de nós chega um raio: a divina vontade sobre mim, sobre minha amiga, sobre a outra. Único sol, vários os raios, ainda que sempre raios de sol. Único Deus, única vontade, vária para cada um, ainda que sempre vontade de Deus. Era preciso caminhar no próprio raio, sem jamais sair dele. E caminhar no tempo que nos era dado. Não era o caso de divagar no passado ou fantasiar sobre o futuro. Precisava abandonar o passado na misericórdia de Deus, já que não nos pertencia mais, e o futuro seria vivido com plenitude, quando se tornasse presente.

Somente o presente estava em nossas mãos. E para que Deus reinasse na nossa vida, deveríamos, no presente, concentrar mente, coração e forças no cumprimento da sua vontade. Como um viajante no trem, não pensa em caminhar pelo vagão para chegar antes ao destino, mas, sentado, deixa que o trem o leve, assim a nossa alma, para chegar a Deus deveria cumprir plenamente a sua vontade, no momento presente, porque o tempo caminha por si só. E não seria difícil demais entender o que Deus queria de nós. Ele manifestava a sua vontade através dos superiores, da Sagrada Escritura, dos deveres do próprio estado, das circunstâncias, das inspirações... momento por momento, iluminadas e ajudadas pela graça atual, teríamos construído o edifício da nossa santidade. Ou melhor, fazendo a vontade de um Outro – de Deus mesmo – ele teria edificado a si mesmo em nós.

Fazer a vontade de Deus, portanto, não significa apenas “resignação”, como muitas vezes se entende, mas a maior aventura divina que possa acontecer a uma pessoa, a de seguir

não a própria vontade mesquinha, os próprios projetos limitados, mas Deus, e realizar o desígnio que ele tem sobre cada filho seu, desígnio divino, impensável, riquíssimo. Para nós fazer a vontade de Deus foi a descoberta de um caminho de santidade feito para todos. Como qualquer pessoa, seja qual for o lugar, situação ou vocação que se encontre, pode fazer a vontade de Deus, esta pode ser o bilhete de ingresso das multidões à santidade. Fazer a vontade de Deus, para amá-lo, tornou-se o segundo ponto da nossa espiritualidade da unidade».

A Palavra

O Evangelho. A aventura da unidade, iniciada por Chiara Lubich tinha um só “texto”: a Bíblia, o Evangelho, a Palavra de Deus. Para elas a vida que levava a Deus existia somente nas páginas do Evangelho. Foi naquele período que, não por acaso, tomou corpo uma prática já intuída por Chiara quando era professora, e que se generalizou em todo o mundo do focolare, e não só: a “Palavra de Vida”. Viviam uma frase do Evangelho e a grande novidade, para aqueles tempos, era que Chiara e suas primeiras companheiras, para estimularem-se reciprocamente e crescerem juntas, contavam umas às outras os frutos que a vida da Palavra tinha provocado nelas.

Chiara escreveu: «A guerra continuava. Cada vez que a sirene do alarme tocava, a única coisa que podíamos levar conosco aos refúgios era o pequeno livro do Evangelho. O abríamos, e embora aquelas palavras já fossem conhecidas, pelo novo carisma se iluminavam, como se uma luz se acendesse, os corações se inflamavam e nos sentíamos impulsionadas a colocá-las em prática imediatamente. Todas

nos atraíam e procurávamos vivê-las, uma por uma. Por exemplo, eu lia: “Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 19,19). O próximo. Onde estava o próximo? Ali, perto de nós, em todas as pessoas atingidas pela guerra, feridas, sem roupas, sem casa, famintas e sedentas. E imediatamente nos dedicávamos a elas, de muitas maneiras.

O Evangelho garante: “Pedi e vos será dado” (Mt 7,7). Pedíamos o que os pobres necessitavam e cada vez recebíamos todo tipo de bens! Coisa extraordinária em tempo de guerra. Um dia, e este é um dos primeiros fatos, que sempre contamos, um pobre me pediu um par de sapatos n. 42. Sabendo que Jesus tinha se feito pobre com os pobres, dirigi ao Senhor uma oração. Estava na igreja de Santa Clara, ao lado do hospital que tinha o mesmo nome: “Dá-me um par de sapatos n. 42, para ti, naquele pobre”. Saindo de lá uma jovem me entregou um pacote, o abri e era um par de sapatos n. 42.

Lemos no Evangelho: “Dai e vos será dado” (Lc 6,38). Damos, e toda vez que damos retorna. Um dia tinha só uma maçã em casa e a demos a um pobre que pediu. Na mesma manhã um parente trouxe uma dúzia. Demos aquelas também, para outras pessoas que pediam, e à tarde chegou uma mala cheia de maçãs. Assim, sempre assim.

São fatos, um depois do outro, que surpreendem e encantam. A nossa alegria é grande e contagiosa. Jesus tinha prometido e cumpria a promessa. Ele não é uma realidade só do passado, mas do presente. E a constatação de que o Evangelho é verdadeiro colocava assas no caminho que estávamos iniciando. E a quem ficava curioso diante da nossa felicidade em tempos tão tristes, contávamos o que estava acontecendo, e eles percebiam que o que estavam vendo não eram só algumas jovens ou um movimento que nascia, mas encontravam Jesus vivo».

Amor ao irmão

A aventura das jovens de Trento, reunidas ao redor de Chiara, não podia deixar indiferente a população da cidade, então de poucas dezenas de milhares de pessoas, e nem mesmo a Igreja local. O comportamento das moças da “casinha” da Praça dos Capuchinhos, sede do primeiro focolare, surpreendia grandes e pequenos. Naquele modesto apartamento os pobres eram de casa, até os problemas sociais da cidade, arrasada pela guerra, era algo que elas sentiam como próprio. E acreditavam na possibilidade de resolvê-lo, simplesmente acreditando na verdade das palavras do Evangelho. Amando os irmãos, um a um.

Chiara escreveu: «Dentre todas as Palavras o nosso carisma sublinhou imediatamente aquelas que diziam respeito especificamente ao amor evangélico ao próximo, e não só aos pobres. No Evangelho lemos que Jesus disse: “Cada vez que fizestes estas coisas a um desses meus irmãos mais pequeninos (e entende-se todos) foi a mim que o fizeste” (Mt 25,40). Então o nosso modo antigo de conceber o próximo e de amá-lo desabou. Se Cristo, de certa forma, estava em todos, não podiam ser feitas discriminações, nem haver preferências. Desapareceram os conceitos humanos que classificam as pessoas: da minha pátria ou estrangeiro, velho ou jovem, bonito ou feio, antipático ou simpático, rico ou pobre. Cristo estava atrás de cada um, Cristo estava em cada um. E cada irmão era verdadeiramente “outro Cristo” – se a graça enriquecia a sua alma – ou um Cristo que poderia nascer, se ainda distante Dele.

Vivendo assim percebemos que o próximo era o caminho para chegar a Deus. Aliás, o irmão nos pareceu como um arco sob o qual era necessário passar para encontrar Deus. E isso nós experimentamos desde os primeiros dias. Que união com Deus à noite, na oração ou no recolhimento, depois de tê-lo amado o dia inteiro nos irmãos! Quem nos dava aquela consolação, aquela unção interior não diferente de antes, tão celeste, senão Cristo que vivia o “dai e vos será dado” do seu Evangelho? Nós o tínhamos amado o dia inteiro nos irmãos e agora ele nos amava. E quanto nos foi útil esta dádiva interior! Eram as primeiras experiências da vida espiritual, da realidade de um reino que não é desta terra. Assim, no maravilhoso caminho que Deus nos mostrava, o amor ao irmão foi um novo ponto fundamental da nossa espiritualidade».

O segredo do verdadeiro amor

«O segredo do verdadeiro amor, do amor do qual falamos, emerge do Evangelho. O Evangelho é a Boa Nova que Cristo trouxe à terra. Portanto, é um amor que tem a sua origem em Deus, não é de origem humana. É um amor vivido pelas Pessoas da Santíssima Trindade. O Pai, por exemplo, ama a todos e manda sol e chuva sobre bons e maus. Ama a todos. Esse amor nos dispõe a amar todos os irmãos, não apenas os parentes, os amigos ou aqueles de quem gostamos, mas a amar a todos. Durante o dia o nosso amor deve se orientar a todas as pessoas que encontramos.

Uma segunda exigência desse amor, que não é de origem humana porque vem do Céu, é que ama primeiro, não espera ser amado. Geralmente amamos porque somos amados. Ao invés, é preciso amar primeiro e Jesus, a segunda Pessoa divina que se fez homem, nos demonstrou isso. Ele morreu por nós

quando ainda éramos pecadores, o que significa que não amávamos.

É um amor concreto como o de Jesus, que deu a própria vida. Não é um amor sentimental, platônico; é um amor concreto, que se faz um com todos, com aqueles que sofrem e que se alegram; que participa da alegria e do sofrimento dos outros, aliviando-o.

Este amor, quando praticado, [...] geralmente é retribuído porque as pessoas se sentem amadas, estão bem conosco, e nos perguntam: “Por quê?” E nós explicamos o motivo pelo qual as amamos. Desta maneira, abre-se um diálogo entre nós e as pessoas, que nem sempre são cristãs, católicas. Muitas vezes são de outras religiões ou não creem. Todavia, também aquelas que não creem possuem uma lei de amor impressa no coração, a força de amar porque foram criadas por Deus, que é amor. O amor é isso.”

Chiara Lubich

Transcrição de uma entrevista de Erik de Hendriks para a televisão belga, de maio de 2004.

www.centrochiaralubich.org

Amor recíproco

O Evangelho, que Chiara e suas primeiras companheiras liam nos refúgios antiaéreos, era uma descoberta contínua, no fundo era um livro que antes elas não conheciam, ninguém jamais havia falado naqueles termos. «Jesus age sempre como Deus. Pelo pouco que damos nos preenche de dons. Estamos sós, e nos vemos cercados por milhares de mães, pais, irmãos, irmãs, e carregados de todos os bens que se podem imaginar, para depois distribuí-los a quem não tem nada».

A experiência fazia consolidar a convicção de que não existe nenhuma problemática humana que não encontre uma resposta, explícita ou implícita, naquele pequeno livro que traz palavras do céu.

As pessoas que aderiam ao movimento que estava nascendo adentravam e se nutriam delas, era uma reevangelização, experimentava-se que o que Jesus dizia e prometia se realizava, pontualmente.

Chiara escreveu: «A guerra continuava, os bombardeios prosseguiram. Os refúgios não eram seguros suficientemente e podíamos nos encontrar logo diante de Deus. Tudo isso fazia com que no nosso coração surgisse um desejo, o de colocar em prática, naqueles momentos que poderiam ser os últimos da nossa vida, aquele que fosse o maior desejo de Jesus. Então nos lembramos do mandamento que Ele chama seu e novo: *“Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos”* (Jo 15, 12-13)».

A descoberta do “mandamento novo” as inflamou a tal ponto que o amor recíproco tornou-se como a sua “veste”, o próprio modo de ser. Era aquele amor que atraía pessoas de toda idade e classe social. Amar-se reciprocamente não era uma opção, mas um modo de viver e de se apresentar ao mundo.

«Dizíamos que Jesus era como um imigrante que traz da própria terra os seus usos e costumes. Ao nos dar o “seu” mandamento, trouxe para a terra a lei do céu, que é o amor entre os Três, na Santíssima Trindade. Olhamos umas às outras e decidimos: *“Eu quero estar pronta a morrer por você, e eu por você”*. Todas, umas pelas outras.

Mas se devíamos estar prontas a dar a vida era lógico que, enquanto isso, precisava responder às muitas exigências que o

amor fraterno solicitava, era preciso partilhar as alegrias, os sofrimentos, os poucos bens, as próprias experiências espirituais. Esforçamo-nos em viver assim, para que o amor recíproco reinasse entre nós, antes de qualquer outra coisa.

«Um dia, no primeiro focolare, tiramos do armário as coisas que tínhamos, poucas e pobres, e as amontoamos no meio do quarto, para depois dar a cada uma o que lhe servia, e o restante aos pobres. Dispostas a colocar em comum o salário e todos os pequenos e grandes bens que tínhamos ou poderíamos vir a ter. Inclusive os bens espirituais. Até mesmo o desejo da santidade tinha sido posposto na única escolha, Deus, que excluía qualquer outro objetivo, mas incluía, obviamente, a santidade que ele havia previsto para nós.

E quando, pelas imperfeições que todas possuíamos, surgiram as óbvias dificuldades, decidimos não nos ver com o olhar humano – que descobre a palha no olho do outro, esquecido da própria trave – mas com o olhar que tudo perdoad e esquece. E sentimos que o perdão recíproco era um dever, para imitar Deus misericordioso, tanto que entre nós propusemos uma espécie de voto de misericórdia, isto é, cada manhã, ao levantar, víamo-nos como pessoas “novas”, que nunca haviam caído naqueles defeitos».

Jesus Eucaristia

A Eucaristia sempre teve um papel importante na vida de Chiara Lubich, desde a sua infância. Seja a sua vida pessoal, seja a de suas primeiras companheiras, assim como a de todo o Movimento, que se compôs nos anos, foi marcada pela Eucaristia. E não poderia deixar de ser assim, se se pensa que Jesus Eucaristia é a alma, o coração da própria vida da Igreja.

A ação do Espírito Santo, por meio do carisma da unidade, provocava em Chiara e nas suas primeiras companheiras uma forte atração, tanto que não viam a hora de ir à Missa, para partilhar toda a sua vida com Jesus Eucaristia. Mais tarde, quando começaram a viajar pela Itália, enquanto a paisagem passava, da janela do trem elas procuravam divisar as torres das igrejas, e com zelo dirigiam-se a elas, porque lá estava a Eucaristia, lá estava o Amor. Existe um elo maravilhoso entre a Eucaristia e a espiritualidade da unidade.

Chiara expressou-se assim, sobre este grandioso mistério: «O fato que, para dar início a este vasto movimento, o Senhor nos tenha concentrado sobre a oração de Jesus pela unidade, significa que Ele devia impelir-nos fortemente para o único que é capaz de atuá-la: Jesus na Eucaristia.

Como as crianças recém-nascidas nutrem-se instintivamente no seio materno, sem saber o que fazem, da mesma forma, desde o início do Movimento notou-se um fenômeno: quem dele se aproximava começava a frequentar a comunhão todo dia.

Como explicar isso? O que é o instinto para o bebê recém-nascido é o Espírito Santo para o adulto, recém-nascido para a nova vida que o Evangelho da unidade traz. Ele é levado ao “coração” da Igreja Mãe, e alimenta-se do néctar mais precioso que ela possui, no qual sente encontrar o segredo da vida de unidade, e da própria divinização.

A missão da Eucaristia, de fato, é tornar-nos Deus por participação. Misturando as carnes vivificadas pelo Espírito Santo e vivificantes de Cristo, com as nossas, nos diviniza na alma e no corpo. A própria Igreja poderia se definir como o “uno” provocado pela Eucaristia, porque composta por homens e mulheres divinizados, feitos Deus, unidos a Cristo que é Deus e entre si.

Este Deus conosco está presente em todos os sacrários da terra e recolhe todas as nossas confidências, alegrias e temores.

Quanto conforto Jesus Eucaristia trouxe nas nossas provações, quando ninguém nos dava audiência porque o Movimento devia ainda ser estudado! Ele estava sempre lá, em todas as horas, esperando por nós, para nos dizer: “no fundo, o chefe da Igreja sou Eu”. E nas lutas e sofrimentos de todo tipo, quem nos deu força, a ponto de pensar muitas vezes que teríamos morrido se Jesus Eucaristia e Jesus em meio, que Ele alimentava, não tivessem nos sustentado?».

Unidade

Uma espiritualidade de comunhão, coletiva, como dizia Paulo VI, é o novo caminho de Chiara Lubich, nascido do Evangelho. Mas quais as suas características? Quais os fatos que, desde o início, levaram à certeza de terem nascido para contribuir à unidade dos homens com Deus e entre eles? Vamos descobri-lo juntos.

Em maio de 1944, no porão escuro da casa de Natalia Dallapiccola, para onde ela havia transferido o seu quarto, para proteger-se, de algum modo, dos eventuais bombardeios, à luz de vela Chiara e suas amigas de Trento liam o Evangelho, como já era um hábito para elas. O abriram ao acaso e encontraram a oração que Jesus pronunciou antes de morrer: «Pai, que todos sejam uma coisa só» (Jo 17,21). Este é um texto evangélico extraordinário e complexo, o “testamento de Jesus”, estudado por exegetas e teólogos de toda a cristandade, mas naquela época um pouco esquecido, porque misterioso para a maioria. Aquela passagem de São João poderia parecer não fácil para jovens como Chiara, Natalia, Doriane e Graziella. Mas elas

intuíram que aquela seria a “sua” passagem evangélica, a unidade. Num daqueles dias, em Trento, passando sobre a ponte Fersina, Chiara disse às suas amigas: «Entendi que devemos amar-nos como diz o Evangelho: até tornarmo-nos uma coisa só». Mais tarde, no Natal de 1946, elas escolheram como lema uma frase radical: «Ou a unidade ou a morte».

Chiara escreveu, em 2000: «Um dia estava com minhas amigas, e abrindo o pequeno livro, li: “Pai, que todos sejam uma coisa só” (Jo 17,21). Era a oração de Jesus antes de morrer. Pela sua presença entre nós e por um dom do seu Espírito, pareceu-me entender um pouco aquelas palavras difíceis e fortes, e nasceu em meu coração a convicção de que tínhamos nascido para aquela página do Evangelho: para a unidade, isto é, para contribuir à unidade dos homens com Deus e entre eles.

Algum tempo depois, conscientes da divina audácia de um programa que somente Deus podia atuar, ajoelhadas ao redor de um altar, pedimos a Jesus que realizasse aquele seu sonho usando de nós, se isto estivesse nos seus planos. No início, diante da grandeza da missão, tínhamos às vezes a impressão de desfalecer, e vendo as multidões que teríamos que reunir na unidade, o desânimo nos assolava. Mas aos poucos, docemente, o Senhor nos fez entender que a nossa missão era como aquela de um menino que lança uma pedra na água, e ao redor daquela pedra se fazem muitos círculos, cada vez maiores, que parecem quase infinitos. Entendemos que nós deveríamos criar a unidade ao nosso redor, no ambiente onde estamos, e que depois – quando já estivéssemos no céu – iríamos ver círculos gigantescos, até que no fim dos tempos se realizariam os planos de Deus. Para nós foi claro, desde o primeiro momento, que esta unidade possuía um único nome: Jesus. Para nós ser uma coisa só significava ser Jesus, ser todos Jesus. De fato somente Cristo pode fazer de dois um, porque o

seu amor, que é anulação de si, que é ausência de egoísmo, nos faz entrar profundamente no coração dos outros.

O que eu escrevia, naqueles tempos, demonstra a maravilha diante de uma realidade sobrenatural tão sublime: “A unidade! Mas quem ousará falar dela? É inefável como Deus! Poder ser sentida, pode ser vista, regozija-se com ela, mas... é inefável! Todos regozijam-se com a sua presença, todos sofrem com a sua ausência. É paz, gáudio, amor, ardor, clima de heroísmo, de suma generosidade. É Jesus entre nós!”».

A unidade nos albores do Movimento dos Focolares

«O que é a unidade? Ah, é maravilhosa! Porque a unidade, aquela que Jesus pensa, quando diz: “amai-vos...” a ponto de morrer, também prontos a morrer um pelo outro, aquela unidade em virtude da qual Jesus diz: “Onde dois ou mais estão reunidos, ali estou eu”, não é uma mistura de pessoas, não é um grupo de pessoas, ali está Jesus e este é o fato. A unidade manifesta, traz Jesus. Eu me lembro... encontrei algumas cartas dos primeiros tempos do Movimento, quando começávamos a viver assim e a experimentar a presença de Cristo entre nós. Era incrível! Porque nós nunca tínhamos experimentado isso antes; o nosso cristianismo era muito individual. Vejam o que estava escrito ali, por exemplo:

“A unidade! Que divina beleza! Quem ousará falar dela? É inefável, se sente, se vê, se saboreia, mas é inefável! Todos se alegram com a sua presença; todos sofrem com a sua ausência. É paz, gáudio, amor, ardor, clima de heroísmo, de suma generosidade. É Jesus entre nós!”

Como se explica esta realidade? Vejam, Jesus ressuscitado disse uma frase fabulosa: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos”. (cf Mt 28, 20). Ele disse que estará conosco todos os dias Mas onde está? Certamente,

na Igreja, porque a Igreja é o corpo de Cristo; e de maneira especial com aqueles que anunciam o Evangelho, porque Jesus lhes disse; nós sabemos que Jesus, por exemplo, está especialmente presente na Eucaristia, está ali; Jesus está na sua Igreja e também na sua Palavra, por exemplo, as palavras de Jesus não são como as nossas, são uma presença de Jesus e nós, nutrindo-nos delas, nos nutrimos de Jesus. Jesus está com os sucessores dos Apóstolos, com os bispos. Está neles, fala através deles; Jesus está nos pobres por exemplo. Disse que está nos pobres, onde ele se esconde. Está em todos aqueles que sofrem Mas Jesus disse também: *“Onde dois ou mais estão reunidos”*, na comunidade, ele também está ali.

Eu percebi que o mundo hoje, que não acredita ou que acredita num modo diferente é muito sensível a esta presença de Jesus. *“Nisso conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes”* (Jo 13,35). É uma forma importante para testemunhar Cristo hoje, porque, vejam, o que faz a unidade? Foi o que disse Paulo VI numa paróquia de Roma. A unidade gera Cristo no nosso meio. A unidade o exprime, o manifesta, o revela. Jesus não é uma realidade de vinte séculos atrás. Está na sua Igreja agora e repete para nós as suas palavras. Jesus é atual e a unidade é muito bonita por isso, pois o mostra. Tanto que Jesus disse: *“Que sejam um para que o mundo creia”*. É assim. Por isso, o Movimento tentou, em todos esses anos, conservar viva esta presença de Jesus, do Ressuscitado entre nós. E nós atribuímos à sua presença esta difusão universal do Movimento. Foi ele que abriu caminho. Foi ele que testemunhou o cristianismo.

Então, o que devemos fazer, que conclusão tirar desse dia?

Nestes dias eu tive a oportunidade de ter contato com muitos holandeses e admirei uma coisa que não encontro em

outras nações: no coração desses holandeses vejo o amor que sentem pela Holanda e um grande amor pela sua Igreja. Então, o que faremos? É preciso que este amor se torne concreto. Vamos colocar a presença de Jesus ressuscitado nas nossas famílias, nas paróquias, em toda a parte, vivendo o amor recíproco, que era o segredo dos primeiros cristãos. E se o Ressuscitado está presente, qual é a consequência? Uma nova primavera e tudo ressurre. É o que desejo para vocês.

E quais serão os frutos desta presença de Jesus? Os mesmos que nós constatamos quando começamos o Movimento: uma grande alegria, paz, os frutos do Espírito. Os meus votos são estes. Vou partir, mas que em seus corações fique gravado isso: “eu farei de tudo para que o Ressuscitado esteja no nosso meio!” Assim.»

Chiara

Do discurso de Chiara Lubich à comunidade dos Focolares em Amsterdã, no dia 28 de março de 1982.

Jesus Abandonado

No ano 2000, num discurso, Chiara Lubich recorda a primeira “descoberta” de Jesus Abandonado: «*Um fato, acontecido nos primeiros meses de 1944, nos levou a ter uma nova compreensão sobre Ele. Por uma circunstância viemos a saber que o maior sofrimento de Jesus, e portanto o seu maior ato de amor, foi quando, na cruz, experimentou o abandono do Pai: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46). Ficamos profundamente tocadas com isso. E a jovem idade, o entusiasmo, mas principalmente a graça de Deus, nos impulsionaram a escolher justamente Ele, no seu abandono, como caminho para realizar o nosso ideal de amor. Desde*

aquele momento pareceu-nos encontrar o seu semblante em toda parte».

Outro momento determinante para a compreensão deste “mistério de dor-amor”. Estamos no verão de 1949. Iginio Giordani foi encontrar Chiara, que tinha ido para o Vale di Primiero, na região montanhosa do Trentino (Itália), para um período de repouso. Com o primeiro grupo vivia-se intensamente a passagem do Evangelho sobre o abandono de Jesus. Foram dias de luz intensa, tanto que no final do verão, devendo descer daquele “pequeno Tabor” para voltar à cidade, Chiara escreveu, num só ímpeto, um texto que inicia com verso que tornou-se célebre: *«Tenho um só esposo sobre a terra, Jesus abandonado... Irei pelo mundo buscando-o, em cada instante da minha vida».*

Muitos anos depois ela explicou: *«Desde o início entendemos que em tudo existe uma outra face, que a árvore tem as suas raízes. O Evangelho lhe cobre de amor, mas exige tudo. “Se o grão de trigo caído na terra não morre – lê-se em João – permanece só; se morre produz muito fruto” (Jo 12,24). A personificação disso é Jesus abandonado, cujo fruto foi a redenção da humanidade. Jesus crucificado! Ele havia experimentado em si a separação dos homens de Deus e entre si, e tinha sentido o Pai distante. Nós o vimos não apenas nas nossas dores pessoais, que não faltaram, e nos sofrimentos dos próximos, muitas vezes só, abandonados, esquecidos, mas em todas as divisões, os traumas, as separações, as indiferenças recíprocas, grandes ou pequenas: nas famílias, entre as gerações, entre pobres e ricos, às vezes na própria Igreja, e mais tarde entre as várias Igrejas, e depois ainda entre as religiões e entre quem crê e quem possui uma convicção diferente.*

Mas todas estas dilacerações – continua Chiara – não nos assustaram, pelo contrário, pelo amor a Ele abandonado, elas

nos atraíram. E foi Ele que nos ensinou como enfrentá-las, como vivê-las e ajudar a superá-las, quando, depois do abandono, recolocou o seu espírito nas mãos do Pai: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46), dando assim a possibilidade para que a humanidade se recompusesse, em si mesma e com Deus, e indicando-lhe o modo de fazê-lo. Ele manifestou-se como chave da unidade, remédio para qualquer divisão. Era Ele que recompunha a unidade entre nós, cada vez que era rompida. Era Ele que reconhecíamos e amávamos nas grandes, trágicas divisões da humanidade e da Igreja. Ele se tornou o nosso único Esposo. E a nossa convivência com um tal Esposo foi tão rica e fecunda, que me levou a escrever um livro, como uma carta de amor, como um canto, um hino de alegria e gratidão a Ele».

Maria

Maria, a Mãe de Deus, esteve presente na vida do Movimento desde os primórdios, e ainda antes, como testemunha o fato de Loreto, em 1939, quando Chiara foi visitar a casa da família de Nazaré. Inúmeras vezes Chiara recordou um episódio, durante um terrível bombardeio que poderia ser fatal para ela e suas primeiras companheiras. Naquele instante recordava ter percebido, pessoalmente, algo que se referia a Maria: «Coberta de poeira, que invadia todo o abrigo – ela contava – levantando-me do chão, quase por milagre, no meio dos gritos das pessoas, eu disse às minhas companheiras: “senti uma grande aflição na alma, agora, enquanto estávamos em perigo, a dor de não poder mais recitar, aqui na terra, a Ave Maria”. Naquele momento eu não podia captar o sentido daquelas palavras e daquele sofrimento. Talvez inconscientemente exprimissem o pensamento que,

permanecendo ainda vivas, com a graça de Deus, teríamos podido dar graças a Maria com a obra que estava para nascer».

Por isso não surpreende que Obra de Maria seja o nome oficial do Movimento dos Focolares. Nem que tenha chamado “Mariápolis” os seus principais encontros, e que as suas pequenas cidades sejam “Mariápolis permanentes”, e que todos os centros de formação sejam definidos como “Centro Mariápolis”, e que Mariápolis seja também o nome de uma publicação.

Em 2000 Chiara escreveu: «Maria tinha usado para o nosso Movimento o mesmo método que utilizara para a Igreja: manter-se na sombra para dar todo o relevo a quem o devia ter, isto é, o seu Filho que é Deus. Mas quando chegou o momento do seu ingresso – por assim dizer, oficial – no nosso Movimento, ela se mostrou, ou melhor, Deus a revelou grande em proporção de quanto tinha sabido desaparecer. Foi em 1949 que Maria disse ao nosso coração, verdadeiramente algo de si. Aquele foi um ano de graças especiais, talvez um “período iluminativo” da nossa história. Entendemos que Maria, incrustada como rara e única criatura na Santíssima Trindade, era inteiramente Palavra de Deus, era toda revestida da Palavra de Deus. E se o Verbo, a Palavra, é a beleza do Pai, Maria, substanciada de Palavra de Deus, era de uma beleza incomparável.

Foi tão forte a nossa impressão, diante desta compreensão, que até hoje não podemos esquecê-la. Aliás, compreendemos como então nos parecia que somente os anjos poderiam balbuciar algo sobre ela. Vê-la assim nos atraiu e fez nascer um amor novo por Ela. Amor ao qual ela respondeu evangelicamente, manifestando-se mais claramente à nossa alma na sua realidade de Mãe de Deus. Theotókos. Não apenas, portanto, a juvenzinha de Nazaré, a mais bela criatura do

mundo, o coração que contém e supera todos os amores das mães do mundo, mas: a Mãe de Deus. E naquele momento – não sem uma graça de Deus – Maria nos revelou uma dimensão de si mesma que, até então, para nós havia permanecido totalmente ignorada. Sim, porque antes víamos Maria diante de Cristo e dos santos – para fazer uma comparação – como no céu se vê a lua (Maria), diante do sol (Cristo) e as estrelas (os santos). Agora não. A Mãe de Deus abraçava, como um enorme céu azul, o próprio sol (...).

Mas esta nova, luminosa compreensão de Maria, não permanecia pura contemplação (...). Tornou-se claro que Maria representava para nós um modelo, o nosso “dever ser”, enquanto víamos cada um de nós como um “poder ser” Maria».

A Igreja

Ainda nos anos quarenta, início do Movimento, um dia o bispo mandou chamar o grupo das jovens de Trento. Não conhecendo o motivo Chiara ficou preocupada. Após longas orações as jovens se apresentaram no imponente edifício do arcebispado, na Praça Fiera. Expuseram o que estavam fazendo na cidade, os fatos que mostravam a verdadeira revolução que crescia de suas mãos, quase sem que percebessem. Todavia, expressaram explicitamente, estavam dispostas a destruir tudo o que havia sido construído naqueles meses, se ele o desejasse. «No bispo – elas pensavam – é Deus que fala». E a elas só Deus importava, nada mais. Naquela ocasião, Dom Carlo de Ferrari, religioso da Ordem dos Estigmatinos, escutou Chiara e suas primeiras companheiras, sorriu para elas e pronunciou, simplesmente, uma frase que ficou na história: «Aqui há o dedo de Deus».

A sua aprovação e bênção acompanharam o Movimento até a sua morte. Aconteceu, por exemplo, que quando o número de moças e rapazes que desejavam fazer parte do focolare, deixando casa e bens, se multiplicou, o bispo determinou que isto só podia ser feito com o acordo dos pais. E assim se dispersaram muitos comentários. Sobre a existência e a importância da Igreja, Chiara e suas companheiras tinham somente certezas. Com o passar do tempo a espiritualidade da unidade levou a conceber a Igreja essencialmente como comunhão.

Chiara escreveu, em 2000: «Uma palavra do Evangelho nos tocou de modo especial. É sempre Jesus que fala: “Quem vos ouve (os apóstolos) a mim ouve” (Lc 10,16). (...) O carisma nos introduzia, de modo novo, no próprio mistério da Igreja, já que nós mesmos vivíamos como pequena Igreja. Antecipando de muitos anos a definição conciliar de Igreja-comunhão, a espiritualidade da unidade fazia experimentar e perceber com maior consciência o que significa ser Igreja e vivê-la. E, pela presença de Cristo entre nós, entendíamos que era lógico que fosse assim.

De tanto estar em contato com o fogo nos tornamos fogo; de tanto ter Jesus em meio a nós nos tornamos outros Cristo. São Boaventura disse: “Onde dois ou três estão unidos em nome de Cristo lá está a Igreja”, e Tertuliano: “Onde três [estão reunidos], ainda que leigos, ali está a Igreja”. A presença de Cristo em meio a nós nos faz Igreja, e daí nascia em todos uma verdadeira paixão por ela. Do amor, por sua vez, brotava uma nova compreensão, tudo era vital: compreendíamos os sacramentos de modo novo, os dogmas se iluminavam. O fato de ser Igreja, pela força da comunhão de amor que nos une, e da inserção na sua realidade institucional, fazia com que nos

sentíssemos à vontade, e experimentássemos a sua maternidade, até nos momentos mais difíceis ».

Espírito Santo

É incontestável que o Espírito Santo é um “Deus desconhecido”. Muito se fala dele, mas poucos sabem quem é, como age, de quais belezas e fantasias divinas saiba revestir-se.

Embora não se manifestasse diretamente, Chiara Lubich e suas primeiras companheiras perceberam que Ele agia, desde os primeiros balbucios do movimento. Por assim dizer, um Deus que se manteve cuidadosamente escondido, ensinando a elas o que é o amor, Ele que é o amor personificado. Ele, o comunicador, o Amor entre Pai e Filho, a “suave aragem”.

Chiara escreveu: «Assistimos à sua ação dia após dia, em toda a nossa vida, às vezes doce, às vezes forte, às vezes até violenta, e quase não nos apercebemos dele. Mas da primeira escolha de Deus Amor, à luz que iluminava as palavras do Evangelho, à revelação de Jesus abandonado, a alegria, a paz e a luz que sentíamos borbulhar em nossos corações ao viver o mandamento novo, nada mais era do que a ação Dele. Podemos dizer que é possível reescrever toda a história do movimento, atribuindo-a totalmente à ação do Espírito Santo. Somente agora vemos como Ele foi, de fato, o grande protagonista da nossa aventura, foi ele que moveu tudo.

Mas agora que Ele se revelou, mostrando-se aquele que é realmente para nós, podemos reconhecer as suas pegadas luminosas, os incontáveis sinais da sua ação constante e imprevisível. Aquela voz interior que nos guiava no novo caminho, aquela atmosfera especial que pairava nos nossos encontros, a potente liberação de energias latentes, que

purifica e renova, aquela alquimia divina que transforma a dor em amor, aquelas experiências de vida, têm um único nome, que aprendemos a conhecer, para sermos infinitamente gratos e sentirmo-nos impulsionados a pedir a sua intervenção nos nossos afazeres cotidianos, dos mais simples aos mais exigentes. Ele deu-nos a coragem de enfrentar as multidões, de deixar a pátria, enfrentar os incômodos, as contrariedades, amiúde com alegria. Mas o efeito mais profundo, mais radical e característico da sua presença é o de ser liame de unidade entre nós.

O Espírito Santo é o presente que Jesus deu a nós, para que fôssemos um, como o Ele e o Pai. Sem dúvida, porque somos cristãos, o Espírito Santo estava em nós antes também, mas houve uma iluminação nova, uma nova manifestação Dele dentro de nós, que nos fez partícipes e atores de uma nova Pentecostes, juntamente com todos os movimentos eclesiais que tornam novo o semblante da Igreja».

Jesus no meio

Desde o início as focolarinas fizeram uma experiência, que logo aprenderam a expressar com a frase “viver com Jesus no meio”. Talvez nada a possa explicar melhor do que as palavras dos discípulos depois do encontro com o Senhor ressuscitado em Emaús: «Não ardia o nosso coração enquanto ele conversava conosco pelo caminho?» (Lc 24,32). Jesus é sempre Jesus, e embora estando presente só espiritualmente, quando está explica as Escrituras e faz arder no peito a caridade de Cristo, a vida. E quando alguém o encontra exclama, com uma saudade infinita: «Fica conosco, Senhor, porque anoitece» (Lc 27,29). A experiência dos discípulos de Emaús é essencial

para todos os que se referem à espiritualidade da unidade. Porque no Movimento nada tem valor se não se busca repetidamente a presença prometida por Jesus aos seus – «onde dois ou três estão reunidos em meu nome eu estou no meio deles» (Mt 18,20) -, uma presença que vivifica, alarga os horizontes, consola, estimula à caridade e à verdade.

Escreveu Chiara: «Tendo colocado o amor recíproco em ação, percebemos mais segurança na nossa vida, a vontade mais decidida, uma vida plena. Por quê? Foi logo evidente: por este amor concretizavam-se entre nós as palavras de Jesus: “Onde dois ou três estão reunidos em meu nome (ou seja, no meu amor) eu estou no meio deles” (Mt 18,20). Silenciosamente, como irmão invisível, Jesus se havia introduzido no nosso grupo. E agora a fonte do amor e da luz estava lá, em meio a nós, e não queríamos mais perdê-la. E compreendíamos melhor o que era a sua presença quando, por uma falta nossa, ela desaparecia.

Mas não é que naqueles momentos nós quiséssemos voltar ao mundo que tínhamos deixado. A experiência de ter Jesus em meio a nós era forte demais para que fôssemos atraídas pelas vaidades do mundo, que a sua divina presença havia reduzido às suas ínfimas proporções. Muito pelo contrário, como um náufrago se agarra a qualquer coisa para poder salvar a vida, assim nós procurávamos qualquer método sugerido pelo Evangelho para poder recompor a unidade rompida. E como dois pedaços de lenha cruzados alimentam o fogo, consumando-se, se desejávamos viver com Jesus constantemente presente entre nós, era preciso viver momento por momento todas aquelas virtudes (paciência, prudência, mansidão, pobreza, pureza...) exigidas para que a unidade sobrenatural com os irmãos nunca diminua. Entendíamos que Jesus em meio a nós não é um estado

conquistado de uma vez por todas, porque Jesus é vida, é dinamismo (...).

“Onde dois ou mais”. Estas palavras divinas e muitas vezes misteriosas na sua atuação pareceram-nos maravilhosas. Onde dois ou mais... e Jesus não especifica quem, Ele deixa o anonimato. Onde dois ou mais... quem quer que sejam: dois ou mais pecadores arrependidos que se unem em seu nome; dois ou mais jovens, como nós éramos; dois, sendo um adulto e uma criança... “Onde dois ou mais”, e vivendo-as vimos desmoronarem barreiras de todos os tipos. Dois ou mais de pátrias diferentes: e caíam os nacionalismos. Dois ou mais de raças diferentes: e caía o racismo. Dois ou mais, inclusive entre pessoas que sempre foram pensadas como opostas, por cultura, classe, idade... todos podiam, ou melhor, deviam unir-se no nome de Cristo.

Jesus em meio a nós foi uma experiência formidável. A sua presença premiava de modo superabundante todo sacrifício feito, justificava todos os passos dados neste caminho, para Ele e por Ele, dava um sentido correto às coisas, às circunstâncias, confortava os sofrimentos, temperava a alegria excessiva. E quem, sem sutilezas e raciocínios, acreditava nas suas palavras com o encanto de uma criança, e as colocava em prática, gozava deste paraíso antecipado, que é o reino de Deus entre os homens unidos no seu nome».

Viver o carisma

A vida do homem não deveria ser feita de compartimentos estanques, como infelizmente acontece, com frequência. Nada de vidas duplas, triplas, quádruplas. Nada de atitudes diferentes quando se está em família, no trabalho, na paróquia, no clube, no colégio ou na universidade. A “cultura da unidade”, que brota do “carisma da unidade”, conduz a pessoa que adere a ela a uma realização completa da sua potencialidade humana, à luz dos princípios do Evangelho. Este modo de viver unitário não pode deixar de ter um reflexo em todos os âmbitos nos quais a pessoa vive e age.

Chiara Lubich escreveu, em 1968: «O amor é luz, é como um raio de luz que quando atravessa uma gota de água se refrange no arco-íris, onde podem ser admiradas as sete cores. São todas cores de luz, que, por sua vez, se refrangem em infinitas nuances. E como o arco-íris é vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil e violeta, o amor, a vida de Jesus em nós, poderia ter várias cores, exprimir-se de muitas maneiras, diferentes uma da outra.

Por exemplo:

o amor é comunhão, leva à comunhão.

Jesus em nós, porque é Amor, teria gerado a comunhão.

O amor não é fechado em si mesmo, difunde-se por si só.

Jesus em nós, o Amor, seria a irradiação do amor.

O amor eleva a alma.

Jesus em nós teria elevado a nossa alma a Deus, e isto é a oração.

O amor cura.

Jesus, o amor no coração, seria a saúde da nossa alma.

O amor reúne as pessoas em assembleia.

Jesus em nós, porque é Amor, teria reunido os corações.

O amor é fonte de sabedoria.

Jesus em nós, o Amor, teria nos iluminado.

O amor realiza a unidade entre muitos.

Jesus faria de nós uma só coisa.

Estas são as sete principais expressões do amor que deveríamos viver. Elas indicam um número infinito».

Viver o carisma: economia e trabalho

«O amor é comunhão, leva à comunhão». Jesus em nós, porque é Amor, teria gerado a comunhão. Chiara Lubich

A percepção de que Deus mostra o seu amor por meio das circunstâncias da vida, inclusive as dolorosas, fez com que as primeiras focolarinas, em perigo de morte pelas bombas, durante a guerra, desejassem ser sepultadas num único túmulo com a inscrição: *«Nós acreditamos no amor»*.

A convicção de serem amadas por Deus as tornara capazes da disposição de dar a vida uma pela outra.

E isso teve como consequência lógica a partilha de todo bem material e a comunhão de qualquer aspiração, medo, sonho.

A propósito da primeira convivência de Chiara e suas primeiras companheiras, uma delas, Giosi Guella, contava: *«Na Praça dos Capuchinhos não tinha nada. Ao mesmo tempo, porém, tinha tudo, para nós e para os outros. Era lógico que não houvesse nada, porque se tinha era dado. Trazíamos os nossos salários para casa e os colocávamos em comum»*.

Também trabalhar, cuidar do balanço da casa, estudar, ensinar, fazer as limpezas como um serviço, eram ocasiões para amar o próximo concretamente.

O serviço era uma regra de vida da comunidade que se formou em torno do primeiro focolare, e fazia pensar nos primeiros cristãos que *«eram um só coração e uma só alma e não havia indigentes entre eles»* (cf. At 4, 32-35).

Quem adere ao “carisma da unidade”, de um modo ou de outro, e como consequência natural da comunhão dos corações, costuma colocar em comum o que lhe pertence: alguns tudo, outros alguma coisa, outros o supérfluo. Desta comunhão nasceu inclusive um projeto de amplo alcance, seja do ponto de vista prático que teórico, a Economia de Comunhão, que é a expressão madura de um modo integral de conceber a pessoa e o serviço a ela. Aderem ao projeto centenas de empresários, no mundo inteiro. Nas empresas da Economia de Comunhão o trabalho é concebido como enobrecimento do homem, busca-se a justiça com tenacidade e a legalidade é perseguida dia a dia.

Escreveu Chiara Lubich: *«A magna carta da doutrina social cristã começa no momento em que Maria canta: “Depôs os poderosos de seus tronos e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias” (Lc 1,52-53). No Evangelho está a mais alta e arrebatadora revolução. Talvez esteja nos planos de Deus que, também nesta época, imersa na*

solução dos problemas sociais, seja Nossa Senhora quem nos dá uma mão, a todos nós cristãos, para edificar, consolidar, construir e mostrar ao mundo uma sociedade nova, em que o Magnificat ecoe forte».

Testemunho e difusão

A alegria de ser amados por Deus não pode ser escondida. É a descoberta do fio de ouro que liga todos os fatos da existência, é a peça que completa o mosaico da humanidade no qual cada homem está inserido. É a alegria verdadeira. É evidente no rosto, nos olhos, nos gestos. Enraíza-se no mais profundo do ser humano e livra energias enterradas, que não podem deixar de agir. Alegria que contagia e liberta, a ajuda a ler os fatos da vida.

Esta experiência foi a única característica dos primeiros tempos do Movimento e é a trilha que orienta os passos de quem se aproxima dele. Como aconteceu a Graziella de Luca, na Sala Massaia, em Trento, onde a primeira comunidade se reunia, nos primeiros anos da aventura da unidade. Ela contou: «Enquanto Chiara falava, com os olhos da alma vi uma grandíssima luz e entendi que aquela luz era Deus, o amor infinito. A compreensão vinha junto com essa luz interior. Dizer “entendi” já era uma passagem longa demais, tratava-se de uma sensação imediata. Era Deus, amor infinito que saciava completamente a minha alma, e não deixava mais nenhum vazio. Era o que havia buscado desde sempre».

Sentir-se amado por Deus e responder com amor, é o que constitui a trama da história narrada em toda parte, nos ambientes e lugares onde o Movimento atua, seja nos pequenos grupos que nos encontros públicos. E é o impulso à fraternidade universal que começa no lugar onde a pessoa está,

e que é vivida no momento presente: família, escola, trabalho, até num leito de hospital. É esta irradiação natural, pessoal e comunitária, que leva a realizar, por exemplo, uma profunda inculturação do Evangelho e do carisma da unidade na África, como, aliás, em qualquer país e continente.

Sublinhando que esta é uma época chamada a viver a unidade, Chiara Lubich escreveu: «(...) Se for vivida os reflexos na sociedade logo serão evidentes. E um deles deverá ser uma estima recíproca entre os Estados e os povos. E isto é algo inusitado. De fato, estamos habituados a ver acentuadas as fronteiras entre povo e povo; a temer a potência dos outros. No máximo se fazem alianças, em benefício próprio. Mas dificilmente se pensa em agir unicamente por amor a outro povo – já que a moral popular jamais atingiu este ponto. Mas quando os indivíduos amarem efetivamente os seus próximos, brancos ou negros, vermelhos ou amarelos, como a si mesmos, será fácil transplantar esta lei entre Estado e Estado. (...) E os povos aprenderão um do outro o que tem de melhor, e as virtudes circularão para o enriquecimento de todos. Então haverá realmente unidade e variedade, e florescerá no mundo um povo que poderá chamar-se “povo de Deus”».

Espiritualidade e oração

Natalia Dallapiccola, a primeira jovem do grupo inicial, que seguiu Chiara Lubich em sua aventura no focolare, contava: «Uma noite, sentadas ao redor de uma mesa, o único móvel que tinha sobrado, à luz de vela, porque era preciso ficar no escuro, sem usar a luz elétrica, Chiara leu: “Assim como eu vos amei, amai-vos uns aos outros. Disto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”».

«Aqueles palavras – prosseguiu Natalia – caíram como gasolina no fogo. Nós queríamos saber qual era o desejo mais profundo de Jesus, uma palavra que nos dissesse, de uma vez por todas, o que ele queria mesmo de nós. E esta era a palavra síntese, o *eureka* que procurávamos». E concluiu: «Então, antes de ir para a escola, para o escritório trabalhar, de ir comprar alguma coisa, até antes de ir visitar os pobres ou de rezar, é preciso que exista entre nós o próprio amor de Jesus, porque é isso que ele quer. Quando saímos de lá sentíamos que a nossa vida tinha mudado, possuía um sabor diferente, tinha encontrado o seu porquê».

A vida de oração pessoal é linfa vital para quem adere à espiritualidade da unidade. O relacionamento com Deus é fundamento de cada ação. Mas esta vida de oração é também uma experiência profundamente comunitária. Desde os cantos que se entoavam nas férias passadas juntos sobre as montanhas, nos anos cinquenta, aos moderníssimos musicais dos grupos Gen Verde e Gen Rosso; da participação ativa na liturgia ou nas orações, nas comunidades espalhadas pelo mundo, em todas as suas atividades os focolarinos atuam a “espiritualidade de comunhão”. Esta comunhão não se esgota em uma oração intimista, mas tem reflexos na vida pessoal e social. Por exemplo, desabrocha uma medida elevada de justiça, uma necessidade absoluta de legalidade, como o setor “Comunhão e direito” busca testemunhar em diversas iniciativas.

Chiara Lubich escreveu: «Nós temos uma vida interior e uma vida externa. Uma é o florescimento da outra, uma é a raiz da outra, e é a copa da árvore da nossa vida.

A vida interior é alimentada pela vida externa. Quanto mais penetro na alma do irmão, na mesma medida penetro em Deus dentro de mim. E, quanto mais penetro em Deus dentro de mim, na mesma medida penetro no irmão.

Deus-eu-o irmão: é um grande mundo, um grande reino...»

E ainda: «Quanto mais cresce o amor pelos irmãos, mais aumenta o amor por Deus».

Deus não é um personagem distante

Deus não é um personagem distante, que pode ser aproximado somente preparando antes a antecâmara. Ele ouve aqueles que são particularmente pobres, particularmente pequenos, particularmente humildes com particulares atenção. *(Do livro Scelto per gli uomini, p. 113)*

Quanto mais eu tenho coisas a fazer, tanto mais preciso de tempo para a oração. E então descubro uma coisa: quando eu emprego, “desperdiço” o meu tempo para permanecer em Deus, acontece uma espécie de “milagrosa multiplicação do tempo”; graças ao tempo doado a Deus, venho a ter mais tempo à minha disposição ou pelo menos, um tempo melhor, mais disponível, mais denso de amor a ser doado aos outros. O tempo se torna como um colar de pérolas, feito de muitos momentos preciosos que estou em condições de viver, e de levar à sua plena realização no recolhimento e na dedicação aos outros. *(Do livro Scelto per gli uomini, pp. 109-110)*

Poder-se-ia definir “grão de sal” do orar cristão o ponto em que a distinção que caracteriza o que é cristão se demonstra mais clara e evidente: o fato, isto é, de que na oração dirigida a Deus está sempre presente o irmão, o outro; o fato de que no dizer-eu do orante está sempre incluído um dizer-nós. *(Do livro Scelto per gli uomini, p. 114)*

Talvez às vezes é bom não querer outra coisa senão permanecer em silêncio. Só então, de fato, notamos quantos fluxos de pensamentos, de impressões, de ideias nos atravessam. Somos como que imersos numa maré que sobe e

que incessantemente nos afasta de nós mesmos, não permite que alcancemos a nós mesmos.

Para a oração não é determinante que atinjamos este absoluto silêncio. Ela pode até mesmo ser “justa” se, apesar de todos os esforços, não for bem. Com efeito, de algum modo compreendemos que também naquele fluxo indistinto, confuso, tão privado de perfeição e de integridade, eu sou, todavia, eu mesmo, eu que fui dado e abandonado a mim, eu, aquele que constantemente foge de si mesmo. E então podemos dizer: não eu tenho a faculdade sobre mim, não eu conheço a mim mesmo, não eu me possuo, mas tu, no eu mais profundo do meu eu mais íntimo, tu me conheces e me perscrutas, tu sabes quem sou e o que é bom para mim e me respondes com o teu sim, te diriges a mim dizendo-me: Tu. (*Do livro Das Wort für uns, pp. 91s. De: Klaus Hemmerle, “La luce dentro le cose, meditazioni per ogni giorno”, Città Nuova, 1998.*

Vida física e natureza

As estações da vida, do indivíduo e da coletividade, revelam a sua função específica se vividas em plenitude. Aderir ao próprio tempo leva a descobrir a mensagem que cada instante contém.

Diz o salmo: «Ensina-nos a contar os nossos dias e teremos um coração sábio» (Sal 90, 12). Tal sabedoria é a mãe que nos ensina a reconhecer aquilo que jamais passa e aquilo que, da eternidade, manifesta-se através do tempo. Cura os medos, dissolve as ansiedades, preenche os vazios, abre o nosso coração ao próximo.

«A doença me curou – escreveu uma mãe – levou-me a uma visão completa da existência que a corrida da vida me tinha tirado. Agora parece-me saber amar a minha família».

As biografias que recordam os que passaram pela terra antes de nós, e permitem que a mensagem de suas vidas nos alcance, são caridade que se perpetua no tempo. É a comunhão dos santos.

Este aspecto salienta o relacionamento do homem não só com a Vida e com a Morte.

Chiara Lubich escreveu, em 1973: «Se hoje eu tivesse que deixar esta terra e me fosse pedida uma palavra, como última que exprimisse o nosso Ideal, eu lhes diria (certa de que seria entendida no sentido mais exato): “Sejam uma família”.

Existe entre vocês quem sofre em virtude de provações espirituais ou morais? Compreendam-no como e mais do que uma mãe! Iluminem-no com a palavra ou com o exemplo. Não lhe deixem faltar, pelo contrário, aumentem ao redor dele o aconchego da família.

Existe entre vocês quem sofre fisicamente? Seja o irmão predileto. Sofram com ele. Procurem entender profundamente as suas dores. Façam-no participar dos frutos do apostolado de vocês, para que saiba que mais do que os outros foi ele que contribuiu para isso.

Alguém está morrendo? Imaginem estar no lugar dele e façam o que gostariam que fosse feito a vocês, até o último instante.

Existe alguém que se regozija por uma conquista ou por qualquer outra razão? Alegrem-se com ele, para que a sua consolação não seja diminuída e a alma não se feche, mas a alegria seja de todos.

Existe alguém que parte? Não o deixem partir sem lhe terem preenchido o coração de uma única herança: o sentido da família, para que o leve para onde está destinado.

Não antepõem jamais qualquer atividade de qualquer tipo, nem espiritual, nem apostólica, ao espírito de família com aqueles irmãos com quem vocês vivem».

Harmonia e ambiente

«Cada objeto, para nós, deve ter um porquê», dizia sempre Marilen Holzhauser, uma das primeiras focolarinas. Para as primeiras companheiras de aventura de Chiara, a sobriedade, a essencialidade, eram um estilo de vida, uma forma de decorar, de vestir. A beleza revela o mistério de uma flor que consome apenas o que precisa e desse modo mostra a sua real beleza. E o belo torna-se esplendor da verdade. A harmonia da essencialidade faz descobrir «a beleza que salvará o mundo» e qual mundo salvará a beleza.

Na carta a Diogneto, a propósito dos primeiros cristãos, lê-se: «Vivendo em cidades gregas ou bárbaras, como coube a cada um, e adequando-se aos costumes do lugar nas roupas, nos alimentos, e em tudo, testemunham um método de vida social admirável e, sem sombra de dúvida, paradoxal».

Tudo isso tem reflexos na vida concreta de quem adere ao “espírito da unidade”. Por exemplo, os “Centros Mariápolis”, onde se fazem congressos e cursos de formação, e as Mariápolis permanentes, 22 em todo o mundo, são concretizações que miram restaurar as relações sociais, em sua integridade humana. Da mesma forma as produções dos Centros Ave e Azur, e os encontros de “Art’è”, e assim também as obras de arte de pintores, musicistas, pianistas, bailarinos...

querem exprimir a contínua novidade de Deus, fonte de beleza e harmonia

Chiara Lubich escreveu: «O verdadeiro artista é um grande. O artista assemelha-se de certo modo ao Criador. O verdadeiro artista possui a sua técnica quase inconscientemente, e se serve das cores, das notas, das pedras, como nós nos servimos das pernas para caminhar. O ponto de concentração do artista está em sua alma, onde contempla uma sensação, uma ideia, que ele quer exprimir fora de si. Por isso, nos limites infinitos de sua pequenez de homem em comparação com Deus, e, portanto, na infinita diversidade das duas coisas “criadas”, digamos assim, o artista é de certo modo alguém que “recria”, cria novamente. E as obras-primas de arte que outros homens produziram poderiam ser uma verdadeira “recriação” para o homem. Infelizmente, por falta de verdadeiros artistas, o homem recreia-se quando muito em extravagâncias vazias de cinemas, teatros, variedades, onde a arte frequentemente tem pouco lugar.

O verdadeiro artista, com suas obras-primas, que são brinquedos diante da natureza, obra-prima de Deus, de certa maneira nos faz sentir quem Deus é e nos faz relevar na natureza a marca trinitária do Criador: a matéria, a lei que a conforma, como que um “evangelho da natureza”, a vida, como que consequência da unidade das duas primeiras. O conjunto, depois, é algo que continuando a “viver”, oferece a imagem da unidade de Deus, do Deus dos vivos. As obras dos grandes artistas não morrem, e nisso está o termômetro da sua grandeza, porque a ideia do artista, de certo modo, se exprimiu perfeitamente na tela ou na pedra, compondo algo vivo».

Sabedoria e estudo

Numa carta dos anos quarenta Chiara Lubich escreveu uma frase fulgurante: «Veja, eu sou uma alma que passa por este mundo. Vi muitas coisas belas e boas, e fui sempre atraída somente por elas. Um dia (dia indefinido) vi uma luz. Pareceu-me mais bela do que as outras coisas belas e a segui. Percebi que era a Verdade».

Logo que se diplomou como professora a sua aspiração era frequentar a universidade católica de Milão. Pensava: «É católica, falarão de Deus, vão me ensinar muitas coisas sobre Deus». Um concurso dava bolsas de estudo gratuito a 33 candidatos. Chiara foi a trigésima quarta. Pareceu-lhe ter perdido uma grande ocasião. Entre as lágrimas, porém, uma voz infiltrou-se no burburinho do seu coração: «Serei eu o teu mestre».

O aspecto do estudo tem a sua referência nesta resposta interior. Mais tarde, em 1980, ela explicou ainda:

«Já em 1944 Jesus pediu-me para deixar os estudos e colocar os livros no sótão. (...) Faminta de verdade, tinha percebido o absurdo de buscá-la através do estudo da filosofia quando a podia encontrar em Jesus, verdade encarnada. E deixei de estudar para seguir Jesus. (...). Naquele episódio existe um prelúdio do que teria desabrochado mais tarde, no Movimento. Nós teríamos visto uma luz resplandecer, mas ela teria sido a alma de uma vida (...). Após aquela renúncia, ou melhor, depois daquela escolha que Deus pediu a mim, a luz chegou verdadeiramente abundante. Ela nos iluminou sobre a espiritualidade que Deus queria de nós, dia após dia plasmou a Obra que estava se desenvolvendo. *Nós chamamos esta luz de "sabedoria"*. (...). E entendemos que a sabedoria era

fundamentalmente o nosso novo estudo, o estudo de todos os membros da Obra de Maria (...).

Embora tendo deixado os estudos, ainda em 1943, 1944, em 1950 senti que era preciso retomar os livros e estudar teologia. Sentia a necessidade de apoiar as muitas intuições daquele período sobre uma base segura”.

São numerosos os lugares onde “se realiza” a cultura da unidade, por exemplo, a assim chamada “Escola Abba”, que trata da doutrina que desabrocha do “carisma da unidade”, que é a fonte de numerosas iniciativas que permeiam os campos do pensamento e da vida. A Universidade Popular Mariana tem como finalidade oferecer uma formação teológica básica aos membros do Movimento. Existem várias escolas e cursos orientados aos seus objetivos específicos. No campo editorial, a editora Cidade Nova, com numerosas publicações em várias línguas, e a revista de cultura “Abba”. E enfim, desde 2008, o Instituto Universitário Sophia, com sede em Loppiano (Florença – Itália).

Unidade e meios de comunicação

Um aspecto emblemático do Movimento dos Focolares é a comunhão, a unidade. É a consequência da Palavra vivida e comunicada. Chiara escreveu: «Antes o Movimento não existia, depois passou a existir. Foi o Espírito Santo, sabemos, que o fez nascer, e Ele agiu de um modo bem preciso. Colocou as primeiras focolarinas nas condições de tomar em grande, eu diria em único relevo, o Evangelho. Iluminou as suas palavras e as impeliu a vivê-las».

«O efeito? – Chiara se perguntou ainda –. Nós sabemos, foi imprevisível e maravilhoso. Como consequência da Palavra

vivida radicalmente, levada a sério, logo nasceu uma comunidade numerosa, que se difundiu em mais de cem vilarejos da região de Trento, era o Movimento dos Focolares. Gente que antes se ignorava tornou-se uma família, cristãos antes indiferentes entre si articularam-se em unidade. Portanto, a Palavra de Deus faz este milagre, pode realizar este milagre: dar origem a uma comunidade visível».

“Unidade” é a palavra que mais caracteriza o Movimento dos Focolares. Unidade que é, em si mesma, comunhão e comunicação e que necessita de uma constante comunicação para que seja atualizada a cada dia. Inclusive os meios de comunicação social estão à serviço da unidade. As 38 edições da revista *Cidade Nova*, em 24 línguas, juntamente a outras revistas, como *Perspectivas de comunhão*, para o mundo sacerdotal, e *Unidade e Carismas*, para os religiosos, são realizações cuja finalidade é a unidade. E assim é também para o *Centro Santa Chiara*, de audiovisuais.

Dirigindo-se a uma assembleia de comunicadores, e dando-lhes quatro “princípios” da comunicação midiática, Chiara Lubich afirmou, em 2000: «Para eles comunicar é essencial. O esforço de viver o Evangelho no dia-a-dia, a experiência mesma da Palavra de Vida, sempre foi e está unida indissolivelmente à sua comunicação, ao relato dos seus passos e dos frutos alcançados, dado que é lei amar o outro como a si mesmo. Acreditamos que tudo aquilo que não se comunica se perde. Assim, sobre a experiência vivida acende-se uma luz, para quem conta e para quem escuta, e a experiência parece fixar-se na eternidade. Temos como que uma vocação para comunicar.

Segunda consideração: para comunicar sentimos o dever de “fazer-nos um” – como dizemos – com quem nos escuta. Também quando falamos ou fazemos uma palestra, não nos

limitamos a expor o conteúdo de nosso pensamento. Primeiro sentimos a exigência de saber quem está diante de nós, conhecer o ouvinte ou o público, suas exigências, desejos, problemas. Como também de dar-nos a conhecer, explicar porque se deseja fazer aquele discurso, o que nos levou, quais os efeitos disso sobre nós mesmos, e criar assim uma certa reciprocidade. Desse modo, a mensagem não é só recebida intelectualmente, mas também participada e compartilhada.

Uma terceira consideração: enfatizar o positivo. Sempre foi de nosso estilo ressaltar aquilo que é bom, pois estamos convencidos de que é infinitamente mais construtivo evidenciar o bem, insistir sobre as coisas boas e sobre as perspectivas positivas, do que ficar no aspecto negativo, ainda que a denúncia de erros, limites e culpas seja imperiosa para quem tem essa responsabilidade.

Enfim: o que importa é o homem, não o meio, que é um simples instrumento. Para levar a unidade é preciso, antes de tudo, esse meio imprescindível que é o homem, um “homem novo” no dizer de São Paulo, ou seja, que acolheu o mandato de Cristo para ser fermento, sal, luz do mundo».